

TÍTULO: FILOLOGIA, LITERATURA CLÁSSICA E EDUCAÇÃO DO CAMPO

Carlo Eduardo Sousa Retori[1]

Círculo de Saber: Trabalho e Educação

Palavras-chave: Filologia; *Agri Cultura;* Clássicas (Máximo 03 palavras-chaves).

Introdução

A partir do século XXI, especialmente após as experiências frustradas com o marxismo deturpado pelo stalinismo, observou-se o ascenso de uma perspectiva pós-moderna na educação a qual por meio, muitas vezes, atomizador dos processos sociais, hiperfocava nas experiências individuais ou sociais diretas como elementos de construção de consciência. De modo algum deve-se esvaziar a riqueza destas experiências invalidando-as, contudo pensamos que é preciso o olhar histórico, amplo e formador de erudição como elemento libertador da educação, de modo especial na educação do campo.

Não se está defendendo aqui a formação de “opressores” ou de pensadores de biblioteca (burros carregados de livros), mas uma proposta que possibilite o diálogo histórico entre dois sujeitos através de vivências, conhecimentos compartilhados, alterados e constituído de significados. Pela introdução de textos da literatura clássica estabelecem-se pontes históricas que sejam capazes de estabelecer nexos de classes nas semelhanças e dessemelhanças dentro dos distintos modos de produção, mas na mesma perspectiva, a de quem vive no e sobrevive do campo.

[1] Mestre em Estudos da Linguagem pela UFOP, professor no IFC Campus Abelardo Luz. E-mail: carlo.retori@ifc.edu.br



Arte e literatura

Trotsky em sua autobiografia (Trotsky, 2017, p. 186ss) narra sua experiência em Paris, sobre a resistência à arte como método de conservação de aspectos de si e sobre como Sedova permitira que com ela se familiarizasse e dele fruisse, da mesma maneira que Lenin o apresentara a biblioteca do Museu Britânico. A expansão de horizontes através da arte de outros tempos e outros lugares colabora, percebe-se, para uma ampliada percepção dos fenômenos individuais e microcósmicos das pequenas sociedades oprimidas. Perceber a beleza negada à classe historicamente pode conduzir a aspirações de liberdade e organização social transformadoras.

Seguindo o estabelecido no PCN de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental de que o texto literário é “um modo particular de dar forma às experiências humanas” (Brasil, 1998, p 26) percebe-se que, firmados os critérios de verossimilhança, o contato com textos clássicos será capaz de imprimir índices de universalidade no sentimento do jovem do campo, percebendo a unicidade de algumas experiências humanas e as singularidades impostas pela roda de história.

É fato que a poética oral de Patativa do Assaré ou que a canção de Moacyr dos Santos e Paraíso, “Franguinho na panela” estejam muito mais diretamente ligadas às experiências campesinas, ou que os atabaques quilombolas expressem eloquentemente dores que dialoguem com as dos despossuídos, e mesmo que danças folclóricas e indígenas sejam capazes de falar mais ao coração cujas raízes foram fincadas na terra, quase sempre em disputa. Isso, contudo, não silencia os ecos das vozes de Heródoto ao disputar a terra com seu irmão, impondo-se por conhecedor das labores de seu cultivo, nem tampouco dista o magro dejejum dos escravos agrícolas de Columela daqueles que vivem as agruras do campo.

Se a sociedade de classes estabeleceu seus clássicos de cima para baixo, cabe ao educador do campo lançar mão desses mesmos títulos como ferramenta de libertação, seja formando pessoas para diálogo em distintas esferas através de diversas variantes, gêneros e tipos, seja demarcando a transitoriedade multifacetada

da exploração e o contínuo dos embates classistas em suas perspectivas diametralmente opostas e irreconciliáveis.

Filologia

A perspectiva filológica que aqui se propõe não está ligada ao míope livresco erudito que conhece línguas antigas e modernas mas desconhece a humanidade, mas sobre a capacidade de colocar o texto em seu mais justo contexto compreendendo os nexos intertextuais, históricos e sociais. “Ler lentamente” como propõem muitos filólogos é perceber o subjacente em cada palavra não como unigenitura do autor, mas como resultado de um processo sócio-cultural de infinitas paráfrases, mas cujo fenômeno é unigênito.

Ler filologicamente permite percebermos a *mos maiorum* que se oculta e se revela em Catão, o Velho; e o modo de produção pre-capitalista prematuro no *De re rústica*. Sob a perspectiva filológica é possível que se perceba a redução da autoria ao que ela realmente é, expressão individual de uma sociedade sob um ponto de vista que também é socialmente condicionado (não ruto de qualquer genialidade inspirada como pós-românticos entendemos), assim como o condicionamento da consciência à realidade como fruto dialético da intelecção.

> A historicização é, portanto, uma atitude que se desdobra em atos, ou procedimentos: atitude de entender aquilo que é cronologicamente apartado de nós – e especificamente, no caso da filologia, o texto –, como também apartado de nossa intelecção, de modo que a pré-compreensão de que dispomos não basta, devendo ser continuamente redimensionada pela absorção de novas informações que vão incrementando a inteligibilidade daquele objeto, mediando nosso essencial anacronismo, entendido como situação histórica efetivamente distinta; procedimentos que alargam e transformam a compreensão até o ponto (ideal) em que o leitor moderno pudesse compenetrar-se daquela posição distinta da sua, capturando-a e fundindo-a em sua própria compreensão. (AUBERT, 2021, p.4)

Talvez, a principal contribuição filológica resida na historicização do texto, lendo-o com clareza diacrônica e transportando as realidades expressas para o debate com as experimentadas. O entendimento dos contextos formativos da

literatura compõe elemento da fruição literária enquanto ferramenta de luta e inutilidade do proveito enquanto faculdade humanizadora.

Educação do campo

Desde Columela já se questiona a educação para o campo, No Didascalicon, Hugo De São Vitor, inaugurando a inserção da agricultura e lanifício na formação humana os deposita sob a égide da *ars mechanica*. (Hugo de São Vitor, 2018, p 97ss). Contudo o debate sobre a educação do campo como elemento que garantiria a manutenção no próprio campo fazendo dele seu quinhão em relação de harmonia somente se deu de maneira relevante a partir do século XX.

A novidade da educação do campo aproximou-a das outras novidades, como as análises a partir da história das minorias, a valorização dos saberes ancestrais e a análise do discurso. Tudo isso essencial para construção de uma educação que questione os saberes hegemônicos e uma educação libertadora. Contudo, validar esses saberes não deve implicar uma negação de outros saberes. É possível conhecer e gozar da cultura Europeia sem ser eurocentrista, é possível lançar mão dos clássicos sem a veneração reacionária.

A proposta de uma educação do campo permeada pelos clássicos greco-latinos sob a perspectiva filológica aqui propostas não se dá nos marcos de um acato subserviente das ditas “culturas superiores”, mas enquanto ferramentas libertadoras através da dialética da educação. Pela construção de empatia com as personagens históricas despossuídas e exploradas desde o nascimento da sociedade de classes, perceber-se despossuído e explorado, perceber o outro como despossuído e explorado e assim construir alternativas capazes de destronar os exploradores e extinguir a sociedade de classes.

Conclusão

A consciência de classes não é fruto espontâneo de qualquer árvore plantada no Éden, mas fruto da reflexão conscientemente educada. A formação no campo, tendo em vista seus perenes conflitos na realidade brasileira, deve formar sujeitos cuja consciência determine a ação através da reflexão histórica e social,

percebendo-as ambas como frutas do agir humano não como dádiva celeste e, assim, agir sobre elas de maneira libertadora e emancipadora.

Não está sendo proposto aqui uma simples substituição, nem tampouco uma hierarquização, mas uma complementação em paralelo. Que se conheçam os textos, orais e escritos, que formam o arcabouço cultural regional, o cânone literário e os clássicos; a fim de que se possa perceber sob as suas superfícies a humanidade pulsante.

Que na literatura os educando possam encontrar os elementos para sua autoformação, para sua emancipação, armas de debate através do conhecimento das mais diversas variantes linguísticas e o gozo do belo que sempre foi tolhido daqueles cujo pão é conquistado pelo próprio suor a amolecer pedras.

Referências bibliográficas

AUBERT, Eduardo Henrik. **A perspectiva filológica**. Todas as Letras, v. 23, n. ja/abr. 2021, p. 1-14, 2021. Disponível em: https://doi.org/DOI10.5935/1980-6914/eLETDO2114350. Acesso em: 13 jul. 2025.

BRASIL. **Parametros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, língua portuguesa. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf. Acesso em: 13 jul. 2025.

COLUMELLE, Lucius Junius Moderatus. **De re Rustica**: prefácio e partes I a X. Maringá: Eduem, 2014.

FAÇANHA, Juliana Lima. A filologia como ferramenta de ensino-aprendizagem de língua portuguesa. **Philologus**, Rio de Janeiro, n. 66, p. 100-107, Não é um mês valido! 2016. Disponível em: http://www.filologia.org.br/revista. Acesso em: 13 jul. 2025.

HUGO DE SÃO VITOR. **Didascalicon**: sobre a arte de ler. Campinas: Kírion, 2018. Tradução de Roger Campanhari.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cultura, arte e literatura**: textos escolhidos. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

TROTSKY, Leon. **Minha Vida**. São Paulo: Sundermann, 2017.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a "literatura" medieval**. . São Paulo: Companhia das Letras. . Acesso em: 13 jul. 2025. , 1993